



TANTA INOCÊNCIA QUEIMADA

ACABAMOS um ano manchado de guerra por todo o mundo. De guerras. Guerras que, por vezes, eram apresentadas com vesgas mascarilhas de paz. Como se homens fossem personagens de um carnaval trágico de sangue escondido. Neste carnaval, as vítimas mais prontas e inocentes são as crianças, que ou morrem no começo da vida ou para sempre ficam marcadas pelo vírus do medo infligido na tenra idade. Claro, não só as crianças, mas os jovens também, aos quais se rouba o direito de encontrar a própria vida; os adultos, que algum caminho já tinham para dar; os velhos, colhidos pelo terror da morte sua e apressada como a daqueles que amaram.

De Timor há tanto sacrificada na sua fraqueza e na sua força, numa África que se erguerá pujante e generosa como a própria terra, numa Jugoslávia de tanta inocência queimada. E quantas mais?

E carpideiras de más-caras a continuar o carnaval, a quererem que passe despercebida a roda de fogo que envolve o sagrado direito de viver.

São complexas as leis da ustulação do mundo. E diz-se: guerra sempre haverá. Como todos os anos há incêndios no Verão, ocasionais ou criminosos, que des troem florestas e minam o equilíbrio ecológico, cada vez mais desamparado. No entanto, se limpamos as florestas enquanto o sol do Verão não queimar, talvez as árvores tenras ou outras árvores menos jovens já não possam arder.

Limpemos esta floresta que somos. Não queiramos, não consentamos a imolação pelo fogo de muitos de nós. Não consentamos mais olhar a humanidade como vítima de uma morte violenta que quer vingar sabe-se lá que deus menor. Ou sabe-se demais. Porque ela pesa. É de metal.



AS CRIANÇAS
MALTRATADAS
E O IAC

PÁG. 2

SOS-CRIANÇA
UM FIO QUE
LIGA À VIDA
OITO MIL
APELOS
EM TRÊS ANOS

PÁG. 4/5

O BRINQUEDO

PÁG. 3

RUI GRÁCIO

A MEMÓRIA
DE UM
PEDAGOGO

PÁG. 6-7

PREPARATÓRIA
MARQUESA
DE ALORNA

UMA LÓGICA
DE ESPAÇO
ABERTO

PÁG. 8-10

UM NATAL

PÁG. 12

ACÇÃO CONSTANTE DO IAC CONSEGUE RESULTADOS

As crianças maltratadas foram durante muitos anos tabu. Ao Instituto de Apoio à Criança coube uma das iniciativas, a que se terá devido o arranque, em 1984, para uma mais forte sensibilização deste problema, organizando para o efeito um seminário sobre "A Criança em Portugal. Que direitos?". De forma pluridisciplinar e pública, terá sido a primeira vez que no nosso país, se quebrou o tabu da violência contra a criança.

Em Julho de 1989, o IAC teve de novo oportunidade, de abordar a temática da criança maltratada. Aconteceu no 1º Encontro Nacional de Emergência Infantil, onde Manuela Lanes, recordando o facto de o Instituto sempre ter pretendido afirmar-se como Provedor da Criança e ter dedicado às crianças vítimas de maus tratos uma atenção muito especial, ilustrou com exemplos de casos graves a situação que continuava a viver-se.

Na sua intervenção, intitulada "O Instituto de Apoio à Criança e a Criança Maltratada", fez a presidente do IAC um balanço das acções concre-

tizadas, aproveitando para salientar o papel desempenhado, para além do IAC e do Centro de Estudos Judiciários, pela Sociedade de Pediatria Social e pelo Núcleo de Crianças Maltratadas do Hospital de Santa Maria.

O PIONEIRISMO É SEMPRE UM PONTO DE PARTIDA, CUJO RECONHECIMENTO PÚBLICO É GRATIFICANTE. MELHOR QUETUDO, PORÉM, É SENTIR QUE VALEU A PENA COMEÇAR, E PROSEGUIR, OBSERVANDO ENQUANTO SE PERCORRE O CAMINHO QUE NINGUÉM FICOU INDIFERENTE, TODOS PERCEBERAM E MUITOS AJUDARAM E AJUDAM.

do a sua recuperação e reintegração social.

ALGUNS PASSOS DADOS

A situação há dois anos, enunciada naquele encontro, registava a existência em funcionamento de um grupo permanente de trabalho relativo ao problema das crianças, sendo então um dos pontos de reflexão a criação de núcleos de apoio em diferentes hospitais. Este passo importante é já hoje uma realidade em algumas unidades hospitalares.

Além das respostas concretas na área da emergência, o IAC tem presentemente procurado privilegiar o trabalho na área da prevenção, de que é exemplo o serviço SOS-Criança, projecto de apoio à família em risco [ver artigo na páginas 4-5], e o trabalho de rua com crianças em risco, único projecto inovador apoiado para Portugal pela CEE, ao abrigo do Programa Pobreza 3.

Com o apoio de diferentes instituições, nomeadamente os Ministérios da Segurança Social, Educação, Juventude e Justiça, a Misericórdia de Lisboa e o Governo Civil, o Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de Marginalidade destina-se fundamentalmente a crianças em situações de abandono de exploração ou mendicidade, que já iniciaram ou estão prestes a iniciar um ciclo de marginalização.

Pretende-se a renovação do quadro de vida daquelas crianças, exercendo com a possível eficácia um processo educativo em regime aberto, tentan-

AGIR É PRECISO

Em artigo publicado no *Diário de Notícias*, a jurista Isabel Patrício perguntava: "E o que é que se tem feito aos constantes apelos do Instituto de Apoio à Criança? E qual é a ajuda que é dada aos magistrados que, dentro das suas possibilidades, estão desde há muito alertados para o problema?"

Vinham estas considerações a propósito do facto de um recente julgamento realizado na Guarda ter feito com que "um pouco por toda a parte, com razão, umas vezes, sem ela, outras, se falasse (finalmente!) do gravíssimo problema que são os maus tratos cometidos contra crianças".

Oito anos passados desde a sua fundação, o Instituto de Apoio à Criança tem presente tudo o que fez, mas também tudo o que falta fazer, que é muito e não depende apenas de si. Há lacunas no nosso trabalho, como há lacunas sociais à espera de resposta. Os casos divulgados pela comunicação social cada vez com maior frequência aí estão a repetir o que temos repetido, a recordar que as situações existem e se mantêm.

Move nos uma determinação cujo limite são as nossas próprias limitações. Que queremos, com a ajuda de todos, ultrapassar. ■

BOLETIM DO IAC
Nº 16
NOVEMBRO/DEZEMBRO
1991
director
Matilde Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico das
Publicações do IAC
António Tarrada
Clara Castilho
Leonor Santos
edição
Instituto de Apoio
à Criança
Av. de Berna, 56-3º
1000 Lisboa
concepção gráfica
e produção
Joana Imaginário
composição e
impressão
Minerva do Comércio
Depósito Legal
Nº 44475/91
tiragem
3000 ex.
Assinatura anual
1000\$00
Preço actualizado
a partir do nº 17
1250\$00

O BRINQUEDO

NATÁLIA PAIS

O brinquedo é, sem dúvida, o símbolo que melhor identifica a infância e que com ela quase se confunde quando, na magia da brincadeira as pessoas são coisificadas e os objectos personalizados.

A camioneta de madeira abandonada no degrau da escada, a boneca caída sobre o tapete são sinais sugestivos da presença de uma criança ou pelo menos da sua recente passagem por algum lugar.

Ao encontrá-los, o adulto pode olhá-los com ternura, mexer-lhes com saudosismo, mas não pode utilizá-los de modo tão lúdico como a criança que já foi.

Na verdade, o adulto atribui ao brinquedo a memória dos sucessos e dos fracassos da sua infância, ao mesmo tempo que procura, através da posse, da sua capacidade de aquisição e manipulação, sentir-se, embora simbolicamente, um dominador — dominador dos seus próprios complexos, das suas frustrações, dos seus pesadelos, que o passar dos anos chegou a fazer crer que foram sonhos.

Pelo contrário, para a criança o brinquedo é o objecto preferencial para a sua projecção no mundo, e é através dele que aceita os desafios, descobre as coisas, se situa em relação ao meio, e se apropria da realidade cultural que a envolve e da qual dependerá o ambiente da sua vida futura.

Na época em que vivemos, o brinquedo, como qualquer outro produto, não está isento das questões inerentes à industrialização, questões essas que constituem as dominantes socioculturais do nosso tempo: fabricação em série, publicidade, consumismo fácil, elitismo de marcas, competição de preços, oportunismos comerciais, etc.

Todo este quadro complexo de riscos e aventuras atinge na quadra natalícia dimensões gigantescas e é aproveitado por muitos como momento propício de sensibilização da criança como futuro consumidor, atordoada pelo fascínio das vitrines, confundida pelos efeitos da propaganda, influenciada pelos caprichos da moda, que atingiu o guarda-roupa das bonecas e os modelos dos carrinhos telecomandados.

A este propósito, parece-nos oportuno lembrar o texto-base — de que destacamos trechos — de um encontro internacional de ludotecas que ajuda a compreender que “brincar é uma coisa séria”. ■

“Exigindo coragem ou quietude, os brinquedos são para os pais plenos de ensinamentos. Permitem conhecer os pontos fortes e fracos da criança, para quem o brinquedo apresenta um justo equilíbrio entre o prazer oferecido e o esforço exigido.”

“Esludar um conjunto de regras, mesmo tão simples como as de um jogo de bola, não é tarefa fácil. Mas que alegria conseguir entendê-las e enfrentá-las. A criança sente que cresceu.”

“Embora haja recente legislação quanto à segurança dos brinquedos, compete-nos, pais e educadores, ser exigentes no que respeita à sua aplicação.”

“Obstinação, a televisão apresenta brinquedos-vedetas, brinquedos da moda. Com tenacidade, você resiste. Bravo!”

“Há um brinquedo ao qual nem sequer é preciso substituir as pilhas: é você. Fala, canta, dança. Você é o melhor dos brinquedos. Em todo o caso, será esse com que a criança irá brincar durante muitos anos.”

“Passe um pouco do seu precioso tempo a brincar com a criança, porque nenhum brinquedo poderá substituí-lo. E vai ver... brincar é sério.”



OLHAR PARA TRÁS E SEGUIR

O telefone do SOS-Criança tocou pela primeira vez há três anos. E de então até hoje, não teve tréguas. No decorrer da sua actividade, este serviço já recebeu cerca de oito mil apelos.

Dos chamadas recebidas, dois terços foram feitas por crianças, a maioria do sexo feminino, situação também verificada com os adultos que apresentaram situações relacionadas com crianças e/ou jovens.

Pondo sempre como tónica do nosso trabalho a dedicação, perseguimos o objectivo de melhorar a qualidade de vida das crianças e jovens.

De facto, os grandes flagelos podem ser atenuados se prevenirmos o seu aparecimento, se atacarmos as causas em vez das consequências. A intervenção tem de ser enérgica e todos devemos dar o nosso contributo.

É neste contexto que se enquadra o SOS-Criança, serviço de fácil acesso e que, de uma forma anónima e discreta, vai estando sempre e cada vez mais próximo de todas as crianças e jovens que se interrogam, têm dúvidas, estão desorientadas ou precisam de reflectir.

Se, por um lado, o nosso espaço de intervenção está fortemente preenchido por um cariz de prevenção, por outro, a nossa actuação engloba as situações de maus tratos físicos ou psicológicos, que infelizmente ainda são uma realidade muito presente entre nós.

Serviço pioneiro em Portugal, ao ser criado, pelo IAC, em 22 de Novembro de 1988, o SOS-Criança, pela primeira vez, deu voz a todas as crianças. Daí em diante, crianças, jovens e adultos estiveram constantemente participativos no nosso serviço.

Com este projecto inovador, o IAC preencheu uma lacuna básica, que a sociedade tinha para com as crianças e jovens. Essa lacuna manifestava-se principalmente pela dificuldade que as crianças tinham para fazer ouvir a sua voz. Actualmente, através de uma simples chamada telefónica, pode a

APELOS NO 1º SEMESTRE DE 1991

TOTAL DE APELOS 1170			
SEXO	CRIANÇAS	ADULTOS	
	66,15%	33,84%	
Masculino	23,25%	11,11%	
Feminino	76,74%	88,88%	
P O R D I S T R I T O	Aveiro	0	
	Beja	0	
	Braga	0	
	Bragança	0	
	C. Branco	0	0,25%
	Coimbra	0	
	Faro	0,12%	0,25%
	Guimarães	0,90%	0,50%
	Lisboa	0	
	Louria	0	0,25%
	Lisboa	98,15%	89,14%
	Pontevedra	0	
	Porto	2,00%	1,00%
	Santarém	0,84%	0,25%
	Setúbal	4,10%	2,00%
	V. do Castelo	0	
Vila Real	0		
Viseu	0		
Não Identif.	0,51%	0,50%	

criança dialogar com alguém que está atento aos seus problemas.

O diálogo entre a criança e o adulto deve ser franco e esclarecedor, sem medos, sem reservas, e sempre em sintonia com a idade do apelante. Através da comunicação estabelecida, tentamos libertar as crianças de receios, que aos olhos dos adultos não têm razão de existir, mas que para as crianças são obstáculos que sozinhas têm dificuldade em ultrapassar.

Ao promovermos a auto-estima, estamos a dar às crianças as "ferramentas"

necessárias para que ela mais facilmente possa enfrentar e vencer os pro-

DURAÇÃO DAS CHAMADAS

MINUTOS	CRIANÇAS	ADULTOS
0 a 10	66,92%	54,79%
10 a 30	29,45%	33,08%
+ de 30	3,48%	10,85%
+ de 60	0,12%	0,75%
+ de 90	0	0,50%

blemas com que se depara no dia-a-dia.

Hoje continuamos a receber apelos multiproblema, que vão da mais ingenua curiosidade às mais pesadas e complexas situações.

Sentimo-nos muito gratificados. A tarefa não é fácil, mas é compensadora. Sabemos que, com atenta actuação, temos, por um lado, evitado a tempo que muitas situações sejam levadas ao extremo e, por outro, desmascarado muitas situações de maus tratos e abusos de toda a ordem.

O SOS-Criança existe para que os Direitos da Criança não sejam esquecidos.

A ANÁLISE PELOS NUMEROS

Crescemos em qualidade; alargando o período de atendimento. Cada vez somos mais conhecidos, e por isso o número de apelos sobe e promovemos a resolução de mais situações, quer pela prevenção, quer pela intervenção junto das estruturas oficiais responsáveis.

Actualmente, continuamos com grande dinamismo e a ser largamente procurados, como se pode observar através dos dados constantes nos mapas que aqui incluímos, relativos ao primeiro semestre de 1991.

De Janeiro a Junho deste ano, o SOS recebeu 1170 apelos, o que corresponde a um acréscimo de 60% em relação a igual período do ano anterior. As crianças solicitaram o nosso apoio em 66,15%, enquanto os adultos só

EM FRENTE

APELOS DE CRIANÇAS

(POR IDADES)

Até 4 anos	0,12%
5 aos 6 anos	3,74%
7 aos 10 anos	22,99%
11 aos 13 anos	35,78%
14 aos 16 anos	24,03%
17 aos 18 anos	12,66%
Não identificados	0,64%

o fizeram em 33,84% dos casos. Das crianças que se nos dirigiram, 76,74% eram do sexo feminino e 23,25% do sexo masculino.

Lisboa continua a ser o distrito que apresenta um maior índice de apelos, 90,69%, seguindo-se-lhe Setúbal, com 4,13%, e o Porto, com 2,97%.

As idades dos apelantes, por sua vez, variam entre os 4 e os 18 anos, verificando-se uma maior incidência na faixa etária que vai dos 11 aos 13 anos (35,78%), seguindo-se o grupo dos 14 aos 16 anos, com 24,03%, e dos 7 aos 10 anos, com 22,99%.

Em relação à diversidade das problemáticas apresentadas, tiveram maior relevo as relacionadas com a prestação imediata de esclarecimentos

APELOS DE ADULTOS

(POR GRAU DE RELAÇÃO)

Pai	3,28%
Mãe	34,38%
Professor	4,70%
Outro familiar	12,62%
Outro profissional	2,02%
Comunidade	32,07%
Próprio	10,35%

genéricos que designamos por Informação SOS-Criança 21,57%, cabendo aos conflitos familiares 14,85% e à necessidade de talar 14,72%.

Os problemas de solidão e comportamento, assim como os psicológicos e de negligência tiveram uma expressão altamente significativa.

Os apelos na sua duração de atendimento não excedem os 10 minutos em 66,92% dos casos. Porém, registou-se um significativo aumento, de 29,45%, nas chamadas que se prolongaram por mais de 30 minutos, chegando mesmo 3,60% a ultrapassar a meia hora.

Em relação aos apelos dirigidos por adultos, a percentagem de mulheres que contactaram o SOS-Criança conti-

nua a encontrar uma maior expressão, sendo o distrito de Setúbal, com 5,05%, e o do Porto, com 3,03%, que menos se distanciam do distrito de Lisboa, que acumulou 89,14% dos apelos.

Os conflitos familiares lideraram as problemáticas apresentadas pelos adultos, com 21,96%, seguidos da informação do SOS-Criança, com 13,63%, e os maus tratos na família, com 13,13%, logo após as famílias em risco, com 8,33%, a informação jurídica e o problema do comportamento com 6,81%. As questões relacionadas com crianças negligenciadas distribuíram-se pelos 5,80%.

Dos adultos que nos contactaram, 34,84% foram a mãe, seguindo-se elementos da comunidade, com 32,07%, e outros familiares e profissionais, com respectivamente 12,62 e 6,81%.

APARTADO 1582 1014 LISBOA CODEX

A partir de Julho de 1991, o SOS-Criança tem à disposição do público uma nova resposta social, o Serviço de Apartado, para o qual se podem endereçar todas as situações e problemas relacionados com crianças e jovens. ■



DIVERSIDADE DOS PROBLEMAS APRESENTADOS

PROBLEMÁTICA	CRIANÇAS	ADULTOS
O que é o SOS-Criança	8,26%	0,75%
Problemas psicológicos	5,16%	2,27%
Conflitos familiares	14,85%	21,96%
Problemas de saúde	0,64%	4,54%
Abuso sexual	0,38%	1,51%
Necessidade de comunicar	14,72%	3,03%
Negligência	5,55%	5,80%
Família em risco	0,90%	8,33%
Problemas de comportamento	9,17%	6,81%
Problemas escolares	4,39%	1,01%
Informação SOS-Criança	21,57%	13,63%
Maus tratos	1,03%	
Sexualidade	0,38%	
Só em casa	9,81%	
Maus tratos em família		13,13%
Maus tratos na escola		0,50%
Informação jurídica		6,81%
Outras	3,10%	9,84%

A MEMÓRIA DE RUI

QUANTA vez me interroguei sobre os perigos de, não sendo Sócrates e não vivendo, propriamente, em Atenas, me condenar a uma tarefa repetitiva e, portanto, pouco aliciante no que toca a outros interesses, sobretudo ligados à investigação da cultura portuguesa! Discretíssimo, não me recordo de o Rui Grácio alguma vez me ter falado de preocupações similares. Mas suspeitava que as tinha também. E a inflexão que deu à sua vida, transitando da prática didáctica à investigação pedagógica, dir-se-ia que, de algum modo, comprova a minha bem mais modesta experiência. [JOEL SERRÃO, in JL de 16-4-91]

A acção pedagógica de Rui Grácio inicia-se na sua juventude, como professor, apresentando desde logo princípios que aprofundou ulteriormente e que teve sempre presentes: o respeito pelo outro e por si próprio, o rigor da informação, o apelo constante à reflexão e a recusa do dogmatismo, a solicitação dos valores humanistas e democráticos, o convite à acção associado à defesa da tolerância, o pressuposto de que todo o aluno está apto à aprendizagem e que o importante é encontrar os meios que a fomentem.

Rui Grácio, numa altura em que os espíritos eram reprimidos, ensinou-me, como a muitos outros, a amar a liberdade de consciência e a acreditar que é possível um mundo melhor. Nesses tempos olhava-o como um modelo e via-o como um herói. Hoje, vejo-o apenas como um homem, um homem que ajudou a formar outros homens, cumprindo integralmente a sua missão de educador. [LUÍS NUNES DE ALMEIDA, in DN de 3-2-91]

Nasceu em 1 de Agosto de 1921, em Lourenço Marques, frequentou a

Universidade Clássica, onde se licenciou em Histórico-Filosóficas e fez o curso de Ciências Pedagógicas, e a partir de 1960, primeiro como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e depois como investigador da mesma, efectuou uma série de estágios de especialização em França, onde trabalhou sob a orientação de alguns dos mais reputados especialistas franceses no domínio das Ciências da Educação: Roger Gal, Jean Hassenforder, Antoine Léon, Viviane Isambert-Jamati.

Participou em empreendimentos de formação e aperfeiçoamento de educadores: pais, animadores culturais de agremiações populares e sobretudo professores, aliando uma informação, vasta, lúcida e reflectida ao debate livre de ideias, em que suscitava a intervenção do outro.

No momento em que se pretende travestir os factos pedagógicos em "puras" entidades conceptuais, o lugar de Grácio define-se pela sua veemente recusa a isolar as instituições e as políticas de ensino das ideologias educativas, da sociedade global e do aparelho do Estado. [ROGÉRIO FERNANDES, in DN de 3-2-91]

Como docente, introduziu didácticas novas entre nós no ensino da História e no ensino da Filosofia. Empregou, de modo inovador, técnicas de grupo na formação dos seus alunos, em reuniões entre professores e pais nas acções e nos cursos que planeou e orientou a convite do Sindicato Nacional de Professores, e que abriu a professores do ensino oficial e particular de todos os ramos e graus de ensino (1963-64 a 1965-66).

Convidado por Dellim Santos, ingressou em 1963 no antigo Centro de Investigação Pedagógica (CIP) da Fundação Gulbenkian, mais tarde integrado no Instituto Gulbenkian de Ciência, como responsável pelo Departamento de Pedagogia, onde cons-

tituiu grupos de trabalho com personalidades conhecidas do mundo da educação e com especialistas que acolheu como bolseiros, orientando e coordenando projectos de investigação.

Ultimamente, os seus interesses incidiam na história recente da educação e das políticas educativas em Portugal, sobre as quais publicou vários escritos. Desde 1967 era responsável pela mais importante colecção pedagógica de edição nacional, com quase centena e meia de títulos publicados.

UM MESTR

RUI Grácio deixou-nos na Páscoa. Foi a enterrar em São Pedro de Sintra, lugar seu de fundas ressonâncias, recanto onde fez construir a casa-jardim que longamente sonhou e teceu e onde se comprazia na intimidade do nicho de família sempre que a profissão o libertava.

Falou-se dele nos jornais, por essa altura, a retomar a homenagem que, em Janeiro, a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação lhe prestara, ao sabê-lo ausente, por doença, da Assembleia Fundadora por que tanto aspirara.

Falou-se dele como se antes não fosse possível quebrar o seu recato, ferir esse pudor com que abordava as coisas e o respeito profundo com que se aproximava das pessoas, a confundir-se, por ventura, com



GRÁCIO



Nesta "geração" [uma geração de guerra e do imediato pós-guerra], Rui Grácio avulta numa linha de força pedagógica, muito inovadora e reflectida. Pessoalmente, devo-lhe muito, sobretudo na área da

investigação semântico-linguística. [Óscar Lopes, in DN de 3-2-91]

Prolongando uma orientação que já vinha de trás, participa, desde finais dos anos 60 em dezenas de iniciativas promovidas pelos sindicatos de professores, especialmente o SPGL e outros sindicatos da FENPROF.

Muitos aspectos da concepção de Rui Grácio sobre pedagogia e os rumos desejáveis para o nosso ensino puderam institucionalizar-se com a sua participação nos II, III e IV Governos Provisórios, como secretário de Estado de Orientação Pedagógica, de Julho de 74 a Julho de 75. Sob a sua responsabilidade política e técnica ou com a sua colaboração, empreenderam-se reestruturações do sistema educativo, abrindo caminhos nem sempre prosseguidos. Entre elas, a modernização dos Programas dos Ensinos Primário e Preparatório, a unificação do Ensino Secundário Geral, o reajustamento dos currículos e

programas das Escolas de Magistério Primário e Infantil, a realização de amplas acções de reciclagem dos professores em exercício, para elevar o nível qualitativo do seu desempenho profissional no quadro das novas condições e finalidades educacionais.

Outra das suas acções mais relevantes foi a definição de uma nova filosofia que passou a orientar os estágios pedagógicos dos Ensinos Preparatório e Secundário.

Na sua juventude, e desde o seu ingresso na Universidade, Rui Grácio fez parte das comissões estudantis que integravam o movimento de oposição a Salazar. Em 1947, foi eleito, em congresso nacional de delegados, para a Comissão Central do MUD Juvenil.■

DE DEMOCRACIA

distância. Hoje, sem quebrar esse encanto, projectado da sua contenção, lembro dele a exercitação crítica, a compostura moral, o escrúpulo cívico, o empenhamento democrático, a exemplaridade pedagógica. Lembro dele essa marcante serenidade, atravessada por um rasto de astuciosa ironia, ou a forma como se impunha, nos grupos de trabalho para que era convidado, pela atenção discreta e afectuosa com que acompanhava a deriva dos discursos, para os enquadrar em intervenções de síntese de uma lucidez e brilho irrepetíveis.

Lembro dele, em tudo, o esforço de clarificação e o rigor obstinado. Mas o que lembro com sentido constante é a revelação de o ter tido como mestre, e transformar um grupo

de companheiros de turma num fórum cívico de cultura democrática, no discorrer dialogante da sua Filosofia, num liceu tão conservador como o Liceu Francês de Lisboa, na transição para os anos sessenta.

Uma Escola Outra tornava-se possível dentro de mim, quando aluno de Rui Grácio. Uma escola regenerada pela democracia interna e participada que radique no respeito total do professor pelo valor singular e cultural dos seus alunos e que faça fundar a relação pedagógica numa ética de cidadania. O exemplo de Grácio inspirou o meu percurso pedagógico, como terá inspirado outros percursos e outros alunos seus. Era impossível ficar indiferente à força da sua vibrante discricção e sublinhado respeito. Por isso, a mensagem que se desprendia

da sua forma de estar e de dialogar connosco se tornava tão relevante para cada uma das nossas vidas.

O modo, porém, como sempre duvidou do valor dos seus actos não ajudou a que esta sociedade de espectáculo considerasse quanto devia a este antiactor da Pedagogia Portuguesa.

Partiu pela Páscoa, "discreto, como querendo que o ignorássemos" [Salgado Zenha, *Expresso* de 6-4-91].

Os que partilharam com ele o encontro breve confirmam-lhe a presença viva. Vive connosco, herança irradiante de valores cívicos e de cultura pedagógica.■

SÉRGIO NIZA

UM CENTRO DE RECURSOS PARA UMA COMUNIDADE

O Centro de Recursos da Escola Preparatória de Marquesa de Alorna foi criado para desempenhar uma função integradora e organizadora em relação a todas as actividades que implicam a consulta e a produção de documentos, qualquer que seja o seu suporte (escrito, audiovisual, informático).

Não é uma biblioteca ou um dos actuais "clubes", pois procura contrariar o tradicional "emparcelamento" dos espaços, a "especialização" dos meios e o isolamento de iniciativas.

O Centro de Recursos da LPMA é, portanto, um Centro Multimedia, um Centro para todas as disciplinas e para uma vasta diversidade de actividades educativas, um Centro para o estudo e para o lazer, para o curricular e o extracurricular, para a leitura e para a escrita, para a consulta e para a produção.

Não pretende ser um espaço "marginal" à intervenção pedagógica do professor na sala de aula, nem, muito menos, a sua alternativa. O Projecto do Centro orienta-se no sentido de interferir com as práticas pedagógicas dos professores na sala de aula, com a sua planificação das actividades.

O Centro de Recursos é um espaço aberto à comunidade escolar e urbana — através da divulgação, da sua utilização, da prestação de serviços e da participação em projectos conjuntos.

UM SONHO, UM PROJECTO

Desde há muitos anos, independentemente dos seus conselhos directivos — porque há um grupo de pessoas que se mantém há uns dez anos, que quando estão fora do conselho directivo pressionam e quando estão dentro têm uma maior margem de manobra — a escola procura transformar-se num espaço agradável para os miúdos, para os professores, para os funcionários. Isto foi evoluin-

HÁ UMA LÓGICA DE ESPAÇO ABERTO COM REGRAS DE FUNCIONAMENTO, PORQUE HÁ UMA LÓGICA DE UTILIZAÇÃO COLECTIVA E RESPONSÁVEL, POR ALUNOS, POR PROFESSORES, POR FUNCIONÁRIOS. À PROCURA DO PONTO DE EQUILÍBRIO ENTRE APRENDER E ENSINAR, COM A ALEGRIA CONSTANTE COM QUE SE FAZEM AS COISAS QUE GOSTAMOS DE FAZER.

do, talvez desde há uns dez anos.

É assim que Leonor Barão, presidente do Conselho Directivo da Escola Marquesa de Alorna, começa por relatar como nasceu o Projecto do Centro de Recursos da Escola Preparatória de Marquesa de Alorna.

Concretamente, desde 86, decidimos que íamos passar a fazer pro-

do, uma série de actividades que acreditávamos que podiam servir para aumentar o interesse pela escola, tentar mesmo a sua adesão afectiva à escola. Por outro lado, também era uma forma de ocupar os miúdos no interior da escola, que tem sido sempre nosso princípio, porque o nosso exterior é muito pequeno.



jectos de rotina bienais, com caminhos bem definidos, suportados por projectos de acção que tivessem alguma coisa a ver com esses caminhos e que os suportassem.

Nos dois primeiros anos, de 86 e 88, o projecto era tornar a escola um espaço agradável, onde toda a gente gostasse de viver. Tínhamos imensas actividades, apostamos muito nas actividades de complemento de currículo escolar, fora do quadro da escola cultural. Existiam actividades organizadas, na altura, num centro de tempos livres, onde havia teatro, fotografia, ateliers de artesanato. No fun-

MEDIR RESULTADOS

Para tentar avaliar se a intenção de tornar a escola um espaço agradável tinha sido conseguida, em 1987, a meio do biénio, foi feito pelos promotores da experiência um inquérito, dirigido sobretudo a todos os alunos, mas também, e de forma informal, aos professores e funcionários. Nesse inquérito, havia perguntas relativamente às questões das aulas.

Constatámos que a esmagadora maioria gostava muito da escola, o que eles gostariam era de poder en-

ESCOLAR



trar às 8 e meia e sair às 6 e meia, ter muito mais actividades ainda de tempos livres. As questões relacionadas com as aulas eram dramáticas. Não tínhamos conseguido aumentar o interesse dos alunos pela actividade lectiva normal, que continuava a ser uma coisa paralela à actividade de entretenimento.

Este resultado determinou a conclusão de que se estava a seguir "um mau caminho". É que, quer se queira quer não, as aulas têm que existir, as aulas têm que ser interessantes e veiculam determinado conjunto de conhecimentos, que são absolutamente necessários para o êxito pessoal, em termos sociais.

Na taxa de insucesso escolar, revelava-o o inquérito, não se notava grande diferença. Havia, pois, que encontrar uma forma de equilibrar o extracurricular com o curricular, para não correr o risco de criar um fosso tal relativamente aos miúdos que menos aderem ao currículo normal e que mais se interessam por outras coisas.

De facto, os miúdos que mais precisavam de ser agarrados para o currículo normal estavam a ser estimulados num outro, paralelo, que depois não tinha sequência.

Começámos a pensar que tínhamos de criar no interior da escola uma estrutura com as mesmas capacidades atractivas dos centros de tempos livres, que era sempre fora da aula, mas que tivesse qualquer fonte de ligação com as aulas. Algo que modificasse o que estava a passar-se nas aulas, não por obrigação dos professores, mas que os professores vissem a sua vida de tal forma facilitada que acabassem por integrar nas aulas aquilo que era motivo de interesse dos alunos fora das aulas.

O CENTRO DE RECURSOS

F assim nasceu, no interior da escola, em 87, o projecto de criação de um Centro de Recursos, com o objectivo de reunir toda a documentação e, através dela, criar os diversos suportes.

Sobretudo, era preciso tentar que o suporte não fosse apenas o suporte papel, uma vez que as experiências com filmes provocavam sempre ênfases. A imagem, não se pode negar, tem de se equilibrar com o material escrito, embora a escola sobrevalorize o material escrito.

O Centro de Recursos teve, pois, inicialmente essa intenção, e em 87 era

apenas um projecto, cujos resultados constituíam uma incógnita. Pretendia-se criar condições para, a partir do biénio seguinte, começar a desenvolvê-lo. E no biénio de 88-90, o projecto já foi no sentido de que a escola fosse, para além de um espaço agradável, um espaço educativo e cultural facilitador do sucesso escolar.

Neste quadro, teríamos de integrar tudo quanto eram objectivos anteriores, e tentar que esta ligação entre o curricular e o não curricular fosse uma coisa mais rica. Daí que tivéssemos

no biénio anterior feito todos os esforços para dois tipos de coisas: a implantação e existência real deste Centro de Recursos e a melhoria de espaços de tal forma que se rentabilizasse o mais possível o espaço interior da escola, tornando-o tão agradável quanto possível, para, em termos de educação cívica, podermos fazer algo com resultados positivos.

A escola não deve ser só a passagem dos currículos, até porque, com a imagem que estávamos a ter do que iria ser este Centro de Recursos, não podíamos criar um espaço privilegiado, novo, bonito, e manter outros espaços que, em oposição, fossem contrapontos desagradáveis, correndo-se o risco de ser por aí que se fizesse uma nova ruptura.

Todo o esforço da escola em termos pedagógicos, financeiros e de gestão de pessoal, foi canalizado, no biénio anterior, para a existência do novo espaço e para um certo equilíbrio com os outros.

Agora, a questão que se põe é: este espaço já existe temos de o manter. O que decidimos para o biénio seguinte, de 90-92, mantendo exactamente o mesmo título de projecto, o mesmo conjunto de objectivos, o mesmo gru-

ESCOLA PREPARATÓRIA MARQUESA DA LORNA

po de suportes, embora depois eles tenham planos de acção diferentes, porque correspondem a outro nível de desenvolvimento.

No ano anterior, haviam introduzido os novos currículos, que passaram também a ser um projecto de suporte a tudo o resto e que podia integrar-se num projecto mais geral.

Se não se integrasse, não teríamos aceite. Mas pareceu-nos que poderia ser um projecto de acção concreto que promoveria a escola como espaço educativo e cultural facilitador do sucesso escolar. A própria estrutura do currículo, de resto, podia permitir isso, com a existência da chamada área escola, do programa de educação cívica, que só este ano se vai experimentar, mas que já existia como ideia, com a área de formação pessoal e social. Todo o novo currículo continha, parecia-nos, potencialidades que iam conjugar-se com as nossas intenções, sendo facilmente integrável no nosso projecto.

MENOS ALUNOS MELHOR ENSINO

Dos 1500 alunos que tinha em 1986, a escola tem hoje 1180, por forma a dispor de um espaço escolar e não de um "espaço de armazém".

Fomos criando situações que levaram à necessidade de as pessoas que queriam acreditar num processo diferente terem também de tomar decisões a nível de rede escolar. E portanto fomos diminuindo o número de turmas. Neste momento, estamos com a situação desejável, embora possamos dizer sempre que queremos menos alunos. Esta situação, porém, já é perfeitamente aceitável, com 1100 alunos, em 44 turmas, o que dá 25 alunos por turma, uma exigência dos novos currículos e que no nosso caso se enquadrava.

Com 150 professores, a escola é frequentada por miúdos de Campolide, Nossa Senhora de Fátima e S. Sebastião, meios de níveis socioeconómicos baixos e médios baixos (70%), 20% médio e 5-8% de nível médio alto ou alto.

Daí o nosso grande trabalho com a Junta de Freguesia de Campolide e



com as escolas do 1º ciclo do bairro. É esta a zona que nos manda mais alunos, onde temos mais escolas primárias, cinco.

Evidentemente, nada devia começar exclusivamente na Marquesa de Alorna. Era importante começar um bocadinho antes. Para este Centro de Recursos existir precisava de um forte apoio financeiro exterior ao orçamento normal.

Os apoios financeiros vieram da DREL, para as obras de transformação do espaço, 1550 contos foram atribuídos à escola nessa altura, e das juntas de freguesia, às quais se deve todo o equipamento.

UM CONCURSO GANHO

Mas o grosso, o fundamental, foi um projecto a que concorremos e em que trabalhamos e ainda estamos a trabalhar, porque está concluído formalmente, mas na prática, não. Trata-se de um projecto de prevenção do analfabetismo, que foi lançado ao nível dos 12 países da CEE. Portugal podia ter duas candidaturas, como os países subdesenvolvidos...

Apresentámos um projecto que foi aceite e nos deu cerca de 35 mil ecus em dos dois anos. Foi com isso que suportámos o projecto, que tinha custos paralelos. Uma parte significativa do orçamento estava leito para que uma sua grande fatia fosse aplicada no equipamento do Centro de Recursos, sem a existência do qual não haveria projecto. O projecto ficou, portanto, legitimado pela própria candidatura.

Foi, assim, possível instalar o Centro e começar a estabelecer formas de ligação objectivas com as escolas de Campolide.

Acabámos por ter contactos estreitos com quatro escolas primárias. Quanto ao contacto com os professores do 1º ciclo, eles foram profícuos, para nós e cremos que para eles. Podem utilizar o Centro de Recursos, sozinhos ou com os miúdos, onde se fazem oficinas, ligadas à informática, ao audiovisual ou às artes gráficas, abertas segundo propostas suas.

O apoio dado pela Junta de Freguesia de Campolide ao Centro de Recursos tem sido proporcionado na base da troca de serviços, por acordo mútuo, ultrapassando-se assim o complicado e de difícil gestão esquema dos subsídios.

Os acordos de cooperação são estabelecidos na altura em que a Junta prepara o plano de actividades e abrangem a realização de cursos, que o Centro de Recursos organiza para a Junta. Uma parte das receitas resultantes desses cursos revertem para o orçamento privativo da escola. É só isso que tem permitido que o Centro se autofinancie, nomeadamente que pague a um número mínimo de pessoas que assegurem os serviços.

SUCESSO ESCOLAR E PESSOAL

A luta contra o insucesso escolar é um dos principais objectivos do Centro de Recursos.

Os miúdos têm de ter, em relação ao ensino e à aprendizagem, uma atitude positiva. Não podem ter a

IAC PRESENTE

DINÂMICAS SOCIAIS

atitude negativa segundo a qual não vale a pena estudar porque depois não se arranja emprego. E isto não se modifica enquanto a própria sociedade não se modificar, mas não se modifica também se eles tiverem esta atitude muito interiorizada.

Mais que o sucesso escolar, porém, trata-se de procurar o sucesso pessoal. Uma coisa pode vir a ter que ver com a outra. E desde que as pessoas adiram interiormente e se sintam motivadas e gostem, as coisas funcionam muito melhor.

Por este conjunto de razões, foi preciso partir do princípio de que não eram os alunos que deviam mudar, para aderir, mas a própria escola que se adaptaria, mudando. A receptividade dos professores revestiu-se de aspectos específicos, naturalmente, consoante factores como a idade dos docentes, a sua formação, a sua perspectiva quanto aos novos métodos.

Há que ter em conta — e isso aconteceu e acontece — que há uma mudança visível da mentalidade das crianças de hoje em relação às de ontem. De facto, as crianças de hoje são mais rebeldes, e essa rebeldia manifesta-se na recusa da rotina. É aqui que tem de ser encarada a necessidade de o professor mudar, deixando de ser rotineiro, para ser mais imaginativo, e assim ficar mais próximo dos seus alunos.

A presidente do Conselho Directivo defende, por outro lado, que a formação de professores corresponda a um grande empenhamento, que ultrapasse a aquisição de conhecimentos, pura e simples. É essa a concepção que temos relativamente à aprendizagem — logo ela serve também para os professores. O empenhamento implica que se viva um projecto, com todas as dificuldades inerentes.

Uma avaliação da apropriação do Centro de Recursos pelos alunos, feita entretanto, fora da escola, permitiu constatar que eram os miúdos com mais dificuldades, mais carências, menos meios familiares os melhores utilizadores do Centro, em todas as suas vertentes, tanto na documentação, escrita, áudio e vídeo, como na informática.■

Organizado pela Association Européenne pour le Développement Educatif et Sociale des Personnes e pelo Instituto Superior de Ciências Educativas, realizou-se, nos dias 21, 22 e 23 de Novembro, no Pavilhão Paz e Amizade, em Loures, o Simpósio Europeu de Dinâmicas Sociais e Marginalizações — Problemáticas e respostas na Europa comunitária.

Estiveram presentes, pelo IAC, além das intervenientes, Manuela Eanes, Celeste Porto e Leandra Baptista.

Em duas mesas-redondas — "Culturas rurais e urbanas na Europa Comunitária" e "A estabilidade Social da Europa e o fenómeno da violência" —, participaram Adelina Odete (Projecto Trabalho de Rua com Crianças), Maria José Lobo Fernandes, coordenadora do Grupo de Crianças Maltratadas, e Maria do Céu Curto, coordenadora do SOS Criança e Projecto Prioridade às Famílias.

• **NO II CONGRESSO INTERNACIONAL** sobre Estilos de Vida e Comportamentos Aditivos: Droga, Alcool e Tabaco, na Fundação Gulbenkian, nos dias 28 e 29 de Novembro. Manuela Eanes fez uma intervenção sobre "Associações face aos comportamentos aditivos", para além de ter presidido à mesa-redonda "Toxicodependência: intervenção em prevenção primária", em que colaboraram a Fundação Cascais e a Associação de Prevenção de Consumos Tóxicos.

• **NO ENCONTRO "APRENDER APRENDENDO** — Marcas que a escola esquece", organizado pelo CEEPE, nos dias 11 a 13 de Novembro, na Fundação Gulbenkian.

• **NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CARCAVELOS**, onde se realizou, no dia 13 de Dezembro, uma reunião das equipas SOS e Trabalho de Rua, tendo em vista a criação de um espaço de diálogo e debate sobre os Direitos da Criança.

• **NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS**, no dia 14 de Novembro, numa reunião de reflexão de todos os serviços telefónicos portugueses SOS, para

troca de experiências sobre conteúdos funcionais de cada serviço. Em Fevereiro, realizar-se-á nova reunião, para preparar a participação portuguesa, no Luxemburgo, num encontro de todos os países da CEE.

• **NO ENCONTRO "LISBOA, A CRIANÇA E OS TEMPOS LIVRES"**, em 3, 4 e 5 de Dezembro, organizado pelo pelouro de Acção Social da CML. Ana Cristina, assistente social, e o animador Roque Martins, do Projecto Trabalho de Rua, fizeram intervenções na área da "Apresentação de Experiências".

• **EM TENERIFE**, de 13 a 15 de Novembro, no 3º Encontro dos Programas Espanhóis de Luta contra a Pobreza. Adelina Odete apresentou o Projecto Trabalho de Rua com Crianças em Risco.

• **NO CONSELHO DA EUROPA**, em Estrasburgo, de 3 a 5 de Dezembro, no encontro "Vers une plus grande justice sociale en Europe — Le défi de la marginalisation et de la povreté", com Adelina Odete.

• **EM BRISTOL**, para onde foram convidados Roque Martins e a educadora Maria João Malho, para integrar a Comissão Organizadora de um seminário europeu sobre "Participação".

• **EM PARIS**, tendo-se deslocado, como convidados, em 13 a 15 de Dezembro, os animadores Paulo Pimentel e Helena Fernandes, para participar numa reunião do Movimento dos Meninos de Rua de Paris.

• **EM ALMEIDA**, numa reunião temática sobre cultura da pobreza para os quatro projectos de luta contra a pobreza ligados à CEE, em que participou Roque Martins.



CONFERÊNCIA EUROPEIA SOBRE PROTECÇÃO DA INFÂNCIA

Com o objectivo de demonstrar as necessidades, direitos e estatuto da criança num mundo em mudança, definir os tipos de intervenção social para a sua protecção e desenhar uma política europeia comunitária moderna e unificada, teve lugar em Atenas, de 29 de Novembro a 1 de Dezembro, a conferência europeia "Protection de l'Enfance — Tendences et Perspectives".

O IAC esteve presente, representado por Ana Perdigão, que fez duas intervenções orais relativas ao Instituto e ao Projecto Rua, que, aliás, mereceu uma referência da comissária das Comunidades, V. Papandreou.

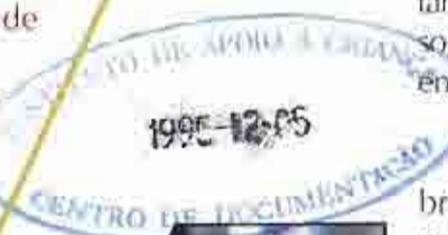
Organizada pelo Bureau Nacional da Prevenção, com a colaboração do Comité Grego da UNICEF, a conferência teve o apoio da Comissão das Comunidades Europeias.

BRINCAR COMO E PORQUE...

No Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, nos dias 23, 24 e 25 de Janeiro, o IAC promove o encontro "Brincar como e porque..."

O primeiro dia do encontro será subordinado à temática "Quem somos, o que queremos, o que fazemos e onde fazemos", com intervenções a cargo de Manuela Eanes, Natália Pais e Torrado da Silva. Neste dia ainda, participará no lançamento da obra editada pelo IAC *O Jogo Infantil [Organização das Ludotecas]* a sua autora, Maria de Borja Solé.

"O sujeito, o objecto e os objectivos do jogo", "A actividade lúdica e a saúde infantil" e "Espaços para brincar: modelos e funções" constituirão os temas que preencherão os dias 24 e 25, estando prevista para cerca do meio-dia a sessão de encerramento, após apresentação das conclusões e debate.



A PRIMEIRA ARVORE DE NATAL DO ANDRÉ

MARIA CECILIA CORREIA

Tiago foi com o pai à Arrabida. Tiago, de passeio; o pai, em "missão de amizade" (era Dezembro e talvez que isso já fosse o Natal antecipado). Tiago encontrou-se, ao sair do carro, entre pinheirinhos do seu tamanho. Presos à terra, separados e não aos molhos, como em Lisboa, foi uma surpresa.

— Tanta árvore de Natal!

Ali encontrou André, que não conhecia, e logo começaram brincadeiras inventadas. Tiago tentou-se com oliveira de braços acolhedores e começou trepada, mas logo estranhou os frutos.

— Olha, uma árvore com uvas!

André, pequenino, incapaz ainda de o seguir, disse-lhe cá de baixo, pachorrento:

— Não é uva, é "centona".

Descido Tiago, aplicaram-se a enfeitar pinheiro do seu tamanho, espetando azeitonas no bico das carumas. E ainda sementes vermelhas das roseiras. E também "candeias" castanhas, deitadas essas, ao acaso, onduladas, em jeito de preguiça. Obra linda! Tiago, entusiasmado, gritou:

— Falta estrela!

André, que outras não conhece que as que brilham à noite entre a serra e o ribeiro, ficou perplexo.

— Estrela, aqui?

Tiago não deu resposta, talvez por o achar demasiado pequeno para lhe falar das que cabem, brilhantes, na palma da mão e se guardam em caixas de ano para ano.

A terra vermelha estranhou aquele coroar de um pinheiro até aí vivendo como os outros. Mas pinheirinho, criança também — 6 anos lhe contou eu —, escolhido, enfeitado, rejubilou. Mais tarde, no silêncio, não só terra, não só pinheiro: meninos deixaram risos, botas deixaram marcas.

André, que nada sabia do Natal, nele entrou nesse Dezembro de sol, por um pinheiro que se enfeita com o que a terra oferece e as crianças, livres, inventam.

Tiago, por sua vez, ficou a saber outras coisas: pinheiros são árvores que crescem e não só artigo de Natal; azeitona está em oliveira e, sobretudo, meninos se entendem lindamente mesmo com conhecimentos de coisas diferentes. E ainda que se pode festejar o Natal, cada qual escolhendo seu modo, sem os usos que as outras pessoas fazem quase obrigatórios.